

Mulheres que leem mulheres na sociedade de classes

Bruna Pimentel Cilento* e Cássia Santos Garcia**

Resumo:

Este trabalho relata a experiência do Clube de Leitura “Mulheres que Leem Mulheres” de Campinas/SP, com a leitura e discussão comparativa do livro “As relações sexuais e a luta de classes” de Alexandra Kollontai e de trechos do livro “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade” de Heleieth Saffioti realizada em 30 de setembro de 2017. Durante os debates as participantes puderam notar os desdobramentos políticos e teóricos das questões de gênero trazidas pelas autoras e o imbricamento dessa temática com as demais contradições da ideologia dominante capitalista, sendo Saffioti fundamental a esta apreensão pelo rompimento teórico com a epistemologia patriarcal e a riqueza de informações e referências contida em sua obra.

Palavras-chave: mulheres que leem mulheres; sociedade de classes; Saffioti; Kollontai.

Women Who Read Women in Class Society

Abstract:

This article recounts the experience of the “Women Who Read Women” Book Club of Campinas, São Paulo, with the reading and comparative discussion of the book *Sexual Relations and Class Struggle*, by Alexandra Kollontai, and parts of the book *Women in Class Society: Myth and Reality*, by Heleieth Saffioti, which occurred on September 30, 2017. During the debates the participants noted the political and theoretical developments of the gender questions raised by the authors and the overlap of that topic with the other contradictions of the dominant capitalist ideology, with Saffioti being fundamental to this understanding due to her theoretical break with the patriarchal epistemology and the richness of the information and references contained in her work.

Keywords: women who read women; class society; Saffioti; Kollontai.

Quando decidimos pela criação do Clube de leitura “Mulheres que Leem Mulheres” (MQLM)¹ em Campinas-SP, em março de 2017, durante o reencontro de integrantes do extinto Grupo Mo.Le.Ca. (Movimento Lésbico de Campinas),

* Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC/Campinas-SP, Brasil, com pesquisa financiada pela CAPES. Curadora do Clube de Leitura “Mulheres que Leem Mulheres” de Campinas/SP, End. eletrônico: brunapimentel@adv.oabsp.org.br <https://orcid.org/0000-0002-8517-3351>

** Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-São Paulo, Brasil. Psicanalista Clínica. Curadora do Clube de Leitura “Mulheres que Leem Mulheres” de Campinas-SP, Brasil. End. eletrônico: cssgarcia@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-4558-1091>

¹ Programação disponível em: <https://clubedeleituramulheresqueleemmulheres.wordpress.com>

criamos um cronograma que contribuísse à discussão do feminismo e das questões de gênero, raça e classe, por intermédio do pensamento feminino.

O MQLM moldou-se como um coletivo de leitoras, voltado ao embasamento teórico, mas objetivando a práxis: por um ativismo por direitos, empoderamento e políticas públicas para mulheres, respeitando lugares de fala e reconhecendo o caráter interseccional da opressão.

A seleção de textos parte das sugestões e inquietações das interessadas, que são discutidas entre as curadoras, de forma que se possam organizar em eixos temáticos no calendário anual.

Por se tratar de um coletivo aberto, as participantes são das mais diversas origens, orientações sexuais e classes sociais, contribuindo para as discussões com diferentes bagagens pessoais. As que apresentam maior dificuldade com a atividade da leitura, frequentam os encontros mesmo sem ter lido os textos sugeridos, especialmente para ouvir a introdução prévia que fazemos sobre a autora e o texto selecionado e para participar dos debates. Para cada uma de nós, o propósito central dos encontros mensais está em entender os caminhos históricos do patriarcado e instrumentalizarmo-nos de ferramentas que possibilitem o combate à exploração social, ao machismo, à LGBTQIfobia, ao racismo, à degradação do meio ambiente e outras formas de opressão e discriminação.

A leitura e discussão comparativa de trechos do livro de Heleieth Saffioti (2013), *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, a partir de alicerces teóricos marxistas, representados na produção de uma das principais personalidades da Revolução Russa, Alexandra Kollontai (2017), *As relações sexuais e a luta de classes*, sucedeu os debates preliminares de obras de Virginia Woolf, Marilena Chauí e Simone de Beauvoir.

Publicado originalmente em 1911, *As relações sexuais e a luta de classes* parte das impressões da autora sobre o ambiente euroasiático do contexto imediatamente anterior à Revolução Russa. O argumento central do texto, assentado na premissa da dominação capitalista, ofereceria certo cabedal teórico para o aprofundamento da discussão de *A mulher na sociedade de classes*, que se seguiria.

Kollontai apresenta um desenho preciso da dominação física e ideológica determinada nas relações construídas no contexto do capitalismo, que leva às limitações do corpo e da mente, iluminando a associação entre subordinação feminina e propriedade privada. A estrutura burguesa, respaldada pela família, do matrimônio, da maternidade e do modo de vida e criação privada, fundamenta-se no juízo moral de que “um companheiro deve possuir completamente o outro” (Kollontai, 2017, p. 26), implicando a emergência e legitimação do egocentrismo, da propriedade privada e da desigualdade de gênero como fatores fundamentais

de um código moral sexual individualista. Para a autora, a classe oprimida teria o dever de servir prioritariamente aos interesses de classe (e não a uma célula familiar isolada).

Em *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, publicado pela primeira vez em 1969, Saffioti (2013) percebe as contradições do capitalismo e da moral burguesa potencializadas. A autora traz um consistente e detalhado panorama do modo capitalista de produção e da economia de mercado.

Nossa discussão, no MQLM nos chamou atenção para um dado importante com relação aos efeitos da apropriação dos frutos do trabalho das mulheres: já que a exploração revertida em benefício dos homens é tratada como um aspecto ilusório, tendo em vista que o homem consente com essa competição que já começa desigual, por iludir-se com sua vantagem de mando, que nada mais é do que um *mito*, no seio de um *status quo* puramente ideológico.

Para nós, a autora contextualiza o trabalho feminino nesta situação de exploração, sem separar o problema da mulher dos problemas gerais da sociedade de classes capitalista, tratando-o com um problema sobretudo de ordem ética, já que nega a liberdade jurídica que ele mesmo criou em seu benefício.

Uma das principais diferenças notadas pelas leitoras refere-se ao estilo de escrita das autoras. Kollontai organiza suas ideias em uma linguagem direta e acessível. O texto de Saffioti é erudito e sua linguagem é marcadamente acadêmica, com um robusto referencial bibliográfico.

Interessou-nos, com destaque, o resgate oferecido por Saffioti (2013) acerca da formação do movimento feminista no Brasil. Segundo a autora, nosso movimento é originalmente forjado como uma ação de fora para dentro, pautada pela visão de mulheres europeias e norte-americanas. Nesse sentido, nossos fundamentos primordiais diferem estruturalmente do que se deu com o movimento de mulheres revolucionárias na Rússia, tratado no texto de Kollontai (2017), que eclodiu de dentro para fora.

Diante disso, demonstrou-se como o feminismo inspirado em realidades importadas, acabou por colonizar muitas das reivindicações e tornou inoperantes tantas outras conquistas das mulheres no Brasil.

Saffioti (2013, p. 34) nos oferece a possibilidade de abandonarmos nossa zona de conforto, ou melhor, de “desconforto”, e dirige seu texto a todos, sejam homens ou mulheres, que “não se acomodaram na sabedoria convencional e àqueles cuja postura mental oferece-lhes possibilidades de abandonar tal acomodação.”

Em nosso debate sobre a comparação entre o texto de Kollontai (2017) e de Saffioti (2013), percebemos que a primeira menciona que o código da moral

sexual do proletariado (classe trabalhadora) parte da acumulação de sentimentos de solidariedade e de liberdade – e não do capital e da apropriação privada – a segunda, direciona seu texto para o mesmo sentido, ao afirmar que as ações de homens e mulheres complementam-se, de modo que a mistificação de um representa a mistificação do outro e, por essa razão, sugere o exercício solidário do abandono da sabedoria convencional.

Para compreender com quais contradições o gênero está imbricado na nossa sociedade, a leitura deste livro, além de consultas sistemáticas a ele, torna-se indispensável, tanto por sua riqueza de fontes e dados, quanto pelo rompimento com uma epistemologia patriarcal.

Referências

- KOLLONTAI, Alexandra. *As relações sexuais e a luta de classes*. São Paulo: Edições Iskra, 2017.
- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.